



”O que existe hoje na Rússia são novas formas de feudalismo e de **fascismo**”

Maxim Kantor é um artista plástico e dissidente russo. Pintor, escultor, escritor, dramaturgo, filósofo, pensador, mostra-se bastante crítico do “putinismo”, que acusa de favorecer o feudalismo e o fascismo no país. Em França lançou este ano o romance “Feu Rouge” (“Red Light”, em inglês). No Luxemburgo, a sua mostra de pintura “Le nouveau bestiaire” esteve recentemente exposta na Abadia de Neumünster, no Grund.



Maxim Kantor publicou este ano em França o romance filosófico “Feu Rouge” (“Red Light”).

Foto: Alain Piron

CONTACTO: No seu livro “Red Light” (ainda sem tradução em português), diz que depois da dissolução da URSS, os russos esperavam a chegada da democracia mas o que veio foi o novo feudalismo...

Tenho 58 anos e no meu pouco mais de meio século já vi pelo menos três tentativas de instalar uma democracia na Rússia. O primeiro que prometeu isso foi [Nikita] Krutchov (líder da URSS entre 1953 e 1964), quando sucedeu a Estaline. Com uma mão libertou muitos presos dos campos de concentração, mas com a outra estrangulou escritores como [Andrei] Siniavski e [Iouli] Daniel, que mandou prender, e [Boris] Pasternak, que foi perseguido até ao fim da vida. Krutchov era um produto do sistema e prolongou simplesmente o estalinismo.

O segundo foi [Leonid] Brejnev. Podem não acreditar hoje,

mas quando Brejnev chegou (em 1964), a ‘intelligentsia’ [elite intelectual] achou que ele tinha um ar muito americano, bem parecido, dinâmico, que era pró-Occidental e que iria trazer uma economia moderna ao país e não a economia árida e o estilo agressivo de Krutchov. E o que aconteceu algum tempo depois? A Checoslováquia [A Primavera de Praga, em 1968]. O terceiro foi Gorbachov.

Com ele, a situação ficou mais moderada...

À primeira vista, sim, mas... Quando Gorbachov chegou em 1985, a liberdade começou a sentir-se aos poucos. Ele acabou com a guerra no Afeganistão, isso foi bom, mas o mais importante foi a liberdade da imprensa, o que fez voltar ao país dissidentes como [Alexander] Soljenítsin e os jornalistas começaram a contar as histórias dos gulags. Lembro-me de ver mul-

tidões nos largos a ler essas histórias em páginas de jornais coladas nas paredes. Pela primeira

“Os bilionários russos não enriqueceram graças ao trabalho, esses bens foram-lhes oferecidos, para se tornarem a nova classe dominante e deixar o povo na condição de servos.”

vez, os russos liam coisas que sabiam há muito ser verdade, mas sobre as quais era até ali proibido falar. Foi o momento histórico que mais me marcou.

Mas depois o que aconteceu? Gorbachov, ele próprio, teve medo da liberdade. Não quis dar a independência aos países bálticos, o que levou à revolta de Vilnius, na Lituânia, em Janeiro de 1991. Com o golpe falhado de Agosto de 1991 [levado a cabo por conservadores que consideravam Gorbachov demasiado reformador], ele perdeu o resto do poder que tinha.

A democracia não chegou com a dissolução da URSS?

Não. O Boris Ieltsin já chegou [1991] completamente corrupto e com uma família de barões feudais que dividiram entre si a Rússia, e das cinzas do socialismo nasceu o novo feudalismo. O que criaram não tem nada a ver com democracia nem com capi-

talismo. Os atuais bilionários russos não enriqueceram graças ao trabalho, não construíram fábricas nem descobriram petróleo, esses bens foram-lhes dados, oferecidos, para se tornarem a nova classe dominante e deixar o povo na condição de servos. Quando a URSS foi dissolvida, de repente muitos terrenos, empresas e indústrias ficaram sem gestores, porque antes tudo era centralizado pelo Estado. Disseram-nos que iriam ser privatizados mas, na realidade, não houve privatizações, houve uma distribuição desses bens e riquezas. Era preciso acabar com o socialismo rapidamente e por isso foram colocadas certas pessoas – os novos feudais – em certos cargos com um propósito bem definido: servir, apoiar e justificar o novo poder.

A política de ingerência dos EUA no pós-Segunda Guerra Mundial,